

ISSN 0104-1886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CADERNOS DO I. L.

n. 10
JULHO DE 1993

TERMINOLOGIA



INICIATIVA: Projeto Terminológico Cone Sul - TERMISUL

Assim, embora "imexível" seja absolutamente correta dentro dos padrões sintático-semântico-morfológicos da língua portuguesa, sua inadequação estilística poderá torná-la pouco aceitável pela comunidade lingüística e, conseqüentemente, efêmera.

Ainda que se dê a analogia a importância necessária, e que realmente possui, como um fator de criação de novos itens lexicais, é preciso que se diga não ser o predominante. Seria, talvez, melhor dizer que é um dos fatores, estando associado a outros não menos importantes.

Podemos ilustrar essa questão colocando que, para um gerativista, "apoio" foi engendrado por "apoiar", e para um analogista "apoio" foi engendrado a partir de "apoiar", mas por analogia ao modelo "procedimento" em relação a "proceder", ou seja, o modelo da quarta proporcional:

proceder : procedimento :: apoiar : x
donde x = apoio.

UMA ABORDAGEM COGNITIVA DA TERMINOLOGIA

SÔNIA T. GEHRING
UFRGS

Neste trabalho a terminologia é apresentada a partir de uma abordagem cognitiva enfatizando a dificuldade em fixar-se a configuração das estruturas do conhecimento em dado momento, visto serem os sistemas de conceitos entidades relativamente fluidas em constante processo de mudança, especialmente no que tange à pesquisa e ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

Uma abordagem cognitiva da terminologia requer um entendimento da estrutura do conhecimento para que se obtenha uma visão da natureza, do comportamento e da interação dos conceitos e dos termos a eles associados o mais completa e coerente possível.

As estruturas do conhecimento não são entidades absolutas. Refletem, sim, o estado presente do conhecimento de um especialista ou grupo de especialistas. Em sua busca para determinar os termos relevantes para uma determinada área do conhecimento, os terminólogos iniciam seu trabalho pela análise dos domínios do conhecimento e constroem um complexo sistema de conceitos que, por vezes, sobrepõe-se. Uma das dificuldades desse trabalho consiste em fixar a estrutura do conhecimento em um dado momento já que os sistemas de conceitos são entidades relativamente fluidas que estão em constante processo de mudança, especialmente na pesquisa e no desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

Na prática, nenhum indivíduo ou grupo de indivíduos possui a estrutura completa do conhecimento de uma comunidade. Convencionalmente, divide-se o conhecimento em áreas ou disciplinas o que equivale a definir subáreas na área do conhecimento. Assim como diferentes disciplinas sobrepõem-se, também as subáreas interceptam-se.

Todos os indivíduos possuem a capacidade de adquirir e usar o conhecimento, uma faculdade comparável à competência lingüística na teoria gerativa. Possuem também, o potencial para ampliar a dimensionalidade dos elementos que compõem este conhecimento. É, porém, improvável que dois indivíduos ainda que tidos como estando em

um mesmo estágio de conhecimento, atribuam a mesma configuração da área do conhecimento ao "mesmo" conceito. O fato das pessoas concordarem ou parecerem concordar, quanto à designação dada a um determinado objeto, fenômeno, processo, etc. deve ser atribuída à existência de uma estrutura do conhecimento idealizada e pragmática pertencente à comunidade e as suas disciplinas específicas.

Essa estrutura do conhecimento idealizada é determinada pela norma social para a qual converge todo conhecimento individual. A norma representa uma síntese da visão coletiva da comunidade, tacitamente endossada por seus membros, e determina, ao nível supraindividual, não apenas o espaço ocupado por qualquer conceito dado, mas também a configuração dos conceitos em uma determinada área de conhecimento. Mas ainda que a norma social represente um acordo tácito entre os membros de uma comunidade lingüística, o indivíduo tem, não obstante, liberdade para interpretar a norma social de acordo com a estrutura da totalidade do seu conhecimento. Daí existir, em maior ou menor grau, uma flexibilidade na determinação dos limites da norma social. Essa flexibilidade, que permite variações individuais, tem conseqüências importantes para a comunicação, já que os indivíduos nela envolvidos (emissor e receptor) podem fazer uso do mesmo item lexical, com a forma fixada pela norma social, mas estarem se referindo a áreas não exatamente iguais do conhecimento; cada uma dessas áreas podendo, individualmente, representar, apenas em parte, a referência sancionada pela norma social prejudicando, dessa maneira, a comunicação.

Nas línguas especializadas, definidas como sistemas semióticos complexos e semi-autônomos baseados em e derivados da língua geral, com seu uso efetivo restrito às pessoas que possuem uma formação específica e que utilizam essas línguas para se comunicar com seus colegas, essa flexibilidade é condicionada pela necessidade de se evitar sobreposição de conceitos. As escolhas dos termos tendo necessariamente de serem feitas no subsistema lingüístico selecionado pelo indivíduo, cujo discurso deve estar centrado em uma área específica do conhecimento.

Há, portanto, uma diferença de grau de flexibilidade entre a estrutura interdisciplinar de conceitos no subespaço limitado de uma área

específica do conhecimento e a estrutura do "conhecimento geral", não tão bem definida e delimitada. Com isso, não se quer dizer que o "conhecimento geral" não possa conter fatos bem definidos e, sim, que as áreas especializadas do conhecimento têm uma maior necessidade de delimitação. Nessas línguas, a transmissão da mensagem deve ser feita de forma mais econômica e precisa possível, sem perturbar a transmissão efetiva da intenção ou do conteúdo pretendido pelo emissor.

Os termos utilizados nessas línguas especializadas só podem ser empregados se os usuários já possuem a configuração do conhecimento que determina a função do termo de um sistema estruturado. Um termo aprendido sem o conhecimento da configuração convencional do conhecimento ao qual se relaciona é comunicativamente inútil. Por outro lado, devido à natureza dessas línguas especializadas, o número de indivíduos de posse do conhecimento necessário é relativamente pequeno, de forma que o consenso quanto aos limites dos conceitos é relativamente fácil de ser obtido.

Dizemos relativamente fácil por duas razões:

1ª - porque nestas línguas especializadas, mais do que na língua geral, ambos os aspectos de referência, o termo e o conceito, devem ser igualmente especificáveis e especificados. Mas para que isto seja alcançado, a codificação do conceito e do termo se fará através da língua geral o que nos remete ao início da discussão de que a especificação absoluta só é possível se os termos nela empregados forem eles mesmos absolutamente especificados.

2ª - porque o verdadeiro desenvolvimento da humanidade só se dará através da difusão universal do saber, através do intercâmbio de conhecimentos e tecnologias, o que significa dizer que o acesso a esses conhecimentos e a essas tecnologias nem sempre se fará através do texto original, mas sim e por muitas vezes, através de traduções para línguas que possuem suas próprias configurações do conhecimento, com semelhanças e diferenças da configuração do conhecimento do texto original.

Torna-se assim árdua, contínua e nunca definitiva a tarefa de profissionais como os terminólogos e tradutores técnicos que se ocupam da terminologia científica. Caracterizada como precisa e uniforme, a terminologia científica é também dinâmica e transitória, pois a todo momento novas tecnologias são desenvolvidas e novos conceitos e novos termos são criados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LEECH, G. *Semantics: the study of meaning*. Harmondsworth: Penguin, 1981. 383 p.
- PICHT, H., DRASKAU, J. *Terminology: an introduction*. Guildford: University of Surrey, 1985. 265 p.
- SEARLE, J. R. *Speech acts*. London: Cambridge University Press, 1969. 204 p.